

Seminário FESPSP 2017 – Incertezas do trabalho

02 a 05 de outubro de 2017

GT 13: A produção de desigualdades e a negociação de diferenças a partir da articulação de marcadores sociais de gênero, sexualidade, raça, classe e/ou geração.

Fora do 'cis'tema: Revisão bibliográfica.

Sabrina Silva Jacintho¹

FESPSP²

Não se trata de alcançar a normalidade, mas sim de encontrar um modo de viver e de viver bem. – Butler, Judith. Prólogo in El género desordenado, 2011 (tradução livre).

Resumo:

O presente trabalho se propôs a realizar uma revisão bibliográfica acerca da literatura disponível sobre transexualidade, homens trans, sexo e gênero. Pretendi, através do mesmo, levantar e pensar questões importantes para minha pesquisa de iniciação científica sobre transição de homens trans, que está sendo realizada de agosto desse ano até agosto de 2018. A pesquisa será realizada na cidade de São Paulo, conhecida por muitas pessoas trans como um lugar de grandes oportunidades para se conseguir o tratamento desejado. Também costuma ser vista como uma cidade mais tolerante e aberta em relação à diversidade, atraindo muitos indivíduos que querem transicionar.

¹ E-mail: sabrinah.silva.92@gmail.com

² Estudante de Graduação, Bolsista CNPq de iniciação científica.

Devido à dificuldade de acesso a locais destinados exclusivamente a essa população, e a partir do meu posicionamento como não pertencente mais a esse grupo, optei pela técnica de amostragem bola-de-neve linear (linear snowball sampling). As entrevistas serão semi-estruturadas, dando maior flexibilidade para a entrevistadora e tendo como objetivo obter o máximo possível de informação do entrevistado. As mesmas serão conduzidas através da utilização da metodologia de história de vida e pretendo utilizar, ainda, a técnica de análise do discurso. Portanto as falas dos entrevistados serão analisadas como falas políticas, pertencentes à um discurso maior presente em nossa sociedade, de acordo com o contexto histórico na qual se insere, bem como pertencente a uma história e subjetividade individual do enunciador.

A pergunta que orienta a pesquisa é: O que a transição nos diz sobre nossa sociedade e a relação da mesma para com esses indivíduos? A presente revisão bibliográfica me traz importantes pistas para pensar a questão, porém o contexto no qual meu trabalho se insere, bem como o momento histórico, difere dos realizados anteriormente.

Palavras-chaves: Transexualidade; homens trans; sexo; gênero.

Sexo como construção histórica e cultural:

Estudando a transexualidade é possível pensar conceitos como sexo e gênero. Ambos os termos foram entendidos historicamente, em diversas áreas do conhecimento humano, como distintos, sendo o gênero uma noção social e culturalmente construída em cima de um dado da natureza, o sexo (Rubin, 1993, p. 5; Safiotti, 1992, p. 83; Heilborn, 1994, p. 1; Scott, 1990, p. 4 apud ALMEIDA e MURTA, 2013). Atualmente, tais noções são questionadas dentro das ciências sociais e humanas. O próprio sexo biológico, visto a partir de um modelo dual de opostos antagônicos, é uma noção relativamente recente na história da humanidade. Segundo Laqueur (2001), durante milhares de anos acreditou-se que homens e mulheres possuíam a mesma genitália. Galeno, por exemplo, demonstrou que estruturalmente os órgãos reprodutivos femininos

eram os mesmos que os masculinos e que, portanto, mulheres eram essencialmente homens, porém uma falta de “calor vital”, de “perfeição”, fizera com que, nas mulheres, ocorresse uma retenção interna do que, no homem, era externo.

Os sexos feminino e masculino passaram a serem vistos como totalmente diferentes, opostos e contrastantes por volta do final do século XVIII. Para teóricos da época, não só o sexo era diferente, homens e mulheres eram diferentes de corpo, mente e alma (LAQUEUR, 2001, p. 17). Dessa forma, ainda segundo o autor, o antigo modelo em que homens e mulheres eram classificados segundo um grau de perfeição metafísico, deu lugar a um modelo de dimorfismo radical, onde homens e mulheres eram anatômica e fisiologicamente diferentes. Dando outro rumo, portanto, para a hierarquia sexual entre esses indivíduos.

Durante a Renascença, segundo Bento, era possível e aceitável uma mudança de gênero sem que isso implicasse em preconceito ou exclusão por parte da sociedade. O médico francês Ambroise Puré (1509-1590), por exemplo, ao relatar o caso de Marie-que-virou-Germain, julgava natural uma menina se transformar em um menino. Marie viveu como menina até os 15 anos. Ao fazer um movimento rápido e violento ao saltar de uma vala, a menina rompeu os ligamentos que prendiam a genitália masculina e se transformou em menino – Germain. A partir do Iluminismo, porém, histórias de mulheres que viveram como homens (ou vice-versa), passaram a ser contadas como mulheres que “se passavam por” homens, o termo “se transformar” ou “virar” deixou de ser usado. O sexo passou a carregar a verdade última do indivíduo, sendo papel da ciência desfazer os possíveis disfarces (BENTO, 2006).

Para Butler (2003), uma importante teórica queer, o sexo biológico não é fixo, dicotômico e imutável como se supõe. A ideia de um sexo anterior à cultura é, também, uma construção histórica e cultural. De modo que uma distinção entre sexo-gênero talvez não faça sentido. Anne Fausto-Sterling (1993), uma bióloga americana, contribui para a discussão ao afirmar em seu artigo intitulado **Os cinco sexos** que é possível existirem pelo menos cinco diferentes sexos biológicos, de modo que uma pessoa com cromossomos XY

pode desenvolver órgãos sexuais vistos como femininos, bem como uma pessoa XX pode desenvolver órgãos sexuais vistos como masculinos, é possível, também, uma pessoa possuir outras combinações cromossômicas como por exemplo: XXY³, XXX⁴ e XO⁵. Se a construção do gênero não implicar em um determinismo, e sendo a verdade do sexo biológico uma não-verdade, existe, então, a possibilidade de agência ou transformação por parte do indivíduo (BUTLER, 2003).

Fazendo gênero:

Para diversas feministas radicais como Sheila Jeffreys (2014) a existência da transexualidade depende do argumento de que existiria uma “essência” atrelada ao gênero, que existiria um comportamento e/ou modo de pensar adequados para cada pessoa com corpos e identidades específicos. A mesma entende gênero através da perspectiva do feminismo de segunda onda, ou seja, gênero seria um sistema político de dominação masculina, uma percepção dual, engessada e hierarquizada sobre as diferenças sexuais (SCOTT, 1989).

Apesar de Jeffreys tentar se afastar de um suposto essencialismo, a mesma naturaliza o conceito de sexo. Noções como essa, baseadas em um determinismo biológico, pressupõem que as diferenças entre grupos humanos (no caso, entre homens e mulheres) são herdadas ou inatas (GOULD, 2014). Os deterministas, segundo Gould, acreditam na ciência como um conhecimento objetivo, livre de qualquer tipo de corrupção ou influência social e política. Trata-se de uma importante ferramenta na mão dos grupos detentores de poder. Ferramenta essa largamente utilizada para afirmar a hierarquia entre os sexos, raças e classes, como natural. É com ela que as pessoas passam a “suspeitar que seus preconceitos sociais são, afinal de contas, fatos científicos” (GOULD, 2014, p. 13).

³ Síndrome de Klinefelter

⁴ Síndrome do triplo X

⁵ Síndrome de Turner

Para Berenice Bento (2006), tanto as pessoas transexuais quanto as não transexuais, ou cisgênero, repetem e imitam atos que supõem serem adequados para o gênero com o qual se nomeiam, de modo que não existiria o homem, ou a mulher, “verdadeiro”. De acordo com Butler (2003, p. 56), “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente construída”, ou seja, gênero não é algo que se é, mas que se faz.

Pensando o sujeito trans:

Reconheço a transexualidade como fenômeno histórico e cultural (ALMEIDA e MURTA, 2013). E entendo o sujeito trans como todo aquele que assim se reconhece e que vive uma identidade de gênero diferente daquela atribuída ao nascer (BALZER, 2010 apud ÁVILA, 2014). Apesar de entendermos hoje o sujeito trans como um sujeito livre e capaz de fazer suas próprias escolhas, a história do surgimento da transexualidade foi marcada fortemente pela ideia de patologia e tentativa de se delimitar o “transexual verdadeiro”.

O “transexual verdadeiro”, tanto na medicina quanto na psicologia, seria o único que poderia ter acesso à transição, entendida como social, hormonal e cirúrgica, de modo que uma levava a outra necessariamente, como etapas para a construção de um homem ou mulher “normal”. Segundo Bento, o termo “transexualpsíquico” foi utilizado pela primeira vez pelo sexólogo Magnus Hirschfeld, em 1910, para se referir a travestis fetichistas, ou seja, homens que se vestiam de mulher como fantasia sexual. Em 1949, o termo volta a ser utilizado em um estudo de caso de um transexual masculino publicado por Cauldwell. Nesse estudo ele esboça características que viriam a ser consideradas exclusivas dos/as transexuais. Harry Benjamin, endocrinologista alemão radicado nos Estados Unidos, utiliza o termo novamente em 1953 e aponta para a “cirurgia como única alternativa terapêutica possível para os/ as transexuais” (BENTO, 2006, p. 40).

Janice Raymond (1994) aponta para o trabalho de John Money, professor de psicopediatria do Hospital Universitário Johns Hopkins, que em 1955 foi

influyente na teoria sobre fatores relacionados com hormônios pré-natais em fetos, construindo a hipótese da existência de um período crítico e bem cedo na vida onde uma identidade de gênero não específica começaria a ser formada. Para Money, o social, a ideia do desenvolvimento psicosssexual como continuação do desenvolvimento embrionário do sexo, serviria para assegurar as diferenças entre os sexos. Diferença essa indispensável para o desenvolvimento da heterossexualidade. Raymond encara a teoria de Money como essencialista ao afirmar que existiria relação entre hormônios pré-natais na formação de uma identidade de gênero. Para Bento, por outro lado, a afirmação, de que o gênero e a identidade sexual poderiam ser modificáveis até os 18 meses de idade, é revolucionária.

Essa tese seria utilizada no tratamento de crianças intersexuais. Para Preciado (2002 apud BENTO, 2006) a construção de um canal vaginal em crianças intersexuais se relacionava com a prescrição de uma prática sexual, da vagina como orifício destinado a receber um pênis. Portanto se a criança intersexual fosse criada como menina, ela seria menina e, dessa forma, precisaria de um canal vaginal para receber um pênis. Evidenciando a importância do entendimento da heterossexualidade e do dimorfismo sexual como prática normal dos corpos. Apesar das teses de Money se referirem a bebês intersexuais, como apontou Bento, elas foram de grande importância para Harry Benjamin discorrer sobre a transexualidade.

Portanto, a transexualidade, na visão médica, só faria sentido se tivesse como objetivo alinhar sexo, gênero e sexualidade, ou seja, criar corpos e identidades coerentes, um homem com pênis, masculino e heterossexual e uma mulher com vagina, feminina e igualmente heterossexual. Bento, em relação a observação médica que determina quem é e quem não é transexual, comenta:

Os níveis de feminilidade/masculinidade estabelecidos para que a cirurgia seja indicada são organizados pela matriz que confere inteligibilidade aos gêneros e que tem na heterossexualidade um de seus pilares de sustentação. Acredita-se que os/as transexuais desejam realizar intervenções em seus corpos para que possam estabelecer a unidade entre identidade de gênero e sexualidade,

quando o que os/as transexuais buscam com essas cirurgias reparadoras é o reconhecimento de seu pertencimento à humanidade (2006, p. 230).

Bento (2006) aponta, ainda, para o fato de que as pessoas trans movimentam argumentos da biologia para legitimarem a necessidade de passarem por procedimentos cirúrgicos e estéticos. Porém, segundo ela, trata-se de uma estratégia. Os/as transexuais “mentem” dizendo terem “sempre se sentido assim” para conseguirem intervenções médicas. Eles/elas sabem o que os médicos querem ouvir e adequam sua realidade a essa expectativa. A autora afirma, ainda, que em um primeiro momento os/as transexuais parecem não só reforçar os estereótipos de gênero, mas também potencializá-los. Segundo ela, trata-se somente de uma primeira impressão, pois assim que se sentiam à vontade e a relação entre eles com ela, enquanto pesquisadora, se estreitava, essas pessoas revelavam ambiguidades e indicavam uma não homogeneidade em se “ser trans”.

Butler (2009) indaga, em seu artigo Desdiagnosticando o gênero, se o diagnóstico da transexualidade ao mesmo tempo que facilitaria o acesso à transição para aqueles que não têm poder econômico para tal, também não estaria pressupondo uma correção. O diagnóstico, então, busca sustentar as normas de gênero vigentes, patologizando e buscando adequar tudo aquilo que foge à norma heterossexual. Contraditoriamente, é justamente esse diagnóstico que contribui para uma maior autonomia desses sujeitos que desejam a transição. A saída poderia ser utilizar o diagnóstico de maneira estratégica, unicamente para se atingir o objetivo desejado e com consciência de que o mesmo não expressa (ou não deveria expressar) uma realidade.

Reconheço que não se pode subestimar a força do diagnóstico, porém Bento (2006) e Ávila (2014) me apontam que diversas formas de resistência vêm sendo utilizadas pelo movimento trans contra esse controle exercido sobre seus corpos e identidades.

Homens Trans como categoria analítica:

Segundo Souza e Braz (2016), a categoria homem trans vem sendo utilizada pelo movimento social brasileiro para nomear esses sujeitos políticos. No Primeiro Encontro Nacional de Homens Trans, realizado em fevereiro de 2015 na USP (e promovido pelo Instituto Brasileiro de Transmasculinidades – IBRAT), decidiu-se pela manutenção desse termo, na tentativa de condensar essas experiências, ainda que, na prática, se reconhece que o termo não dê conta da pluralidade das expressões transmasculinas.

Utilizo a expressão “homens trans”, inspirada em Guilherme Almeida (2012), como categoria analítica na tentativa de condensar a transexperiência masculina. O termo “transexperiência” masculina foi utilizado pela pesquisadora Simone Ávila (2014), inspirada no conceito de “experiência transexual”, presente em muitos estudos publicados no Brasil sobre o tema, com uma perspectiva diferente da psiquiatria. A autora se baseia ainda, entre outros autores, na compreensão de Joan Scott de experiência. Segundo Scott (2001 apud Ávila, 2014), não são os indivíduos que possuem determinada experiência, mas sim são constituídos por meio da experiência. Ou seja, a produção do sujeito se dá por meio do discurso, a experiência se apresenta como uma maneira de narrar o ocorrido através de significados estabelecidos, porém sem que os mesmos se encontrem engessados ou fixos.

Ávila aponta que não há um modelo universal de transmasculinidades, as mesmas se encontram em constante produção. Mesmo as transmasculinidades estando incluídas em práticas de dominação, sendo alguns homens trans mais próximos da masculinidade hegemônica e outros mais marginalizados, todos tencionam, ao produzir uma masculinidade sem pênis, as fronteiras de gênero e desestabilizam a masculinidade hegemônica.

A transição no Brasil pode ser realizada de duas formas, ou “oficialmente”, por meio do Processo Transexualizador do SUS, ou de maneira informal através da utilização de diversas estratégias como falsificação de receitas hormonais ou compra dos mesmos em mercados paralelos. Podem, ainda, para aqueles que possuem um maior poder aquisitivo, realizar a transição em serviços privados, nos quais não é necessário seguir todos os protocolos estipulados pelo Processo Transexualizador. As mudanças corporais trazidas

pela testosterona são vistas como a materialização da identidade de gênero, como expressão da sua masculinidade (ÁVILA, 2014).

A autora afirma, ainda, que o desejo das mudanças corporais pelos homens trans não se centra na demanda pela neofaloplastia (construção cirúrgica de um pênis), mas sim pela mamoplastia masculinizadora e pela utilização de testosterona, o que pode indicar uma preocupação com o que é socialmente visível. Para Ávila é possível afirmar que o olhar público, de certa forma, guia a transição. A transição, tanto como uma adequação quanto como um movimento de ruptura com as normas de gênero, é vista pelos próprios transexuais, de acordo com Vieira (2015), como uma passagem de uma inexistência para um lugar de humanidade.

Para Butler (2011) quando alguém se apresenta em um serviço médico ou social para iniciar o processo de transição, o indivíduo não se apresenta somente como um “caso” clínico, mas também se põe em jogo uma “cena de enunciação”, se aceita a dependência do controle médico, mas também existe uma solicitação ética ao outro. De algum modo o que é dito é: “Não posso realizar essa transição sem o seu reconhecimento e estou aqui para te pedir que me reconheça com respeito”. O “lugar de humanidade” anunciado por Vieira me parece um paradoxo, só alcançado através do reconhecimento pelo outro, reconhecimento este só possível através da submissão a um diagnóstico, que por sua vez, foi justamente o que retirou esse lugar de humanidade desses sujeitos, dizendo implícita ou explicitamente que os mesmos devem ser corrigidos e normalizados.

Bibliografia:

ALMEIDA, Guilherme. ‘Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades? Florianópolis: Estudos Feministas, 20(2): 256, maio-agosto/2012

ALMEIDA, Guilherme; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à

saúde de transexuais no Brasil. *Sex., Salud Soc. (Rio J.)*, Rio de Janeiro , n. 14, p. 380-407, Aug. 2013.

ÁVILA, Simone. *Transmasculinidades: A emergência de novas identidades políticas e sociais*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

BALDIN, Nelman. MUNHOZ, Elzira. *Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para a pesquisa em educação comunitária*. In: IX Congresso Nacional de Educação – Curitiba: Educere. PUC, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf>

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. *Desdiagnosticando o gênero*. Trad: André Rios. Rio de Janeiro: Physis vol.19 no.1. 2009.

_____ Capítulo 1. In: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____ Prólogo. *Transexualidad, Transformaciones*. (Trad. Beatriz Preciado). In: MISSÉ, Miguel; COLL-PLANAS, Gerard (eds.). *El género desordenado: críticas en torno a la patologización de la transexualidad*. 2ª ed. Barcelona – Madrid: Editorial EGALES, 2011.

CAPELLE, M; GONÇALVES, C; MELO, M. *Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais*. Minas Gerais: Revista Eletrônica de Administração da UFLA, v. 5, n. 1, 2003. Disponível em: <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/viewArticle/251>

FAUSTO-STERLING, Anne. *The five sexes: why male and female are not enough*. New York: New York Academy of Sciences, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOULD, Stephen J. *Introdução*. In: *A falsa medida do homem*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

HAGUETTE, Teresa M F. A História de Vida. In: Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis. Editora Vozes, 2003.

JEFFREYS, Sheila. Gender Hurts: a feminist analysis of the politics of transgenderism. New York: Routledge, 2014.

LAQUEUR, Thomas. Da linguagem e da carne. In: Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ORLANDI, Eni P. Introdução. In: Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

RAYMOND, Janice. Transsexual empire: the making of the she-male. New York: Teachers College Press, 1994.

REGO, F. C. V. S. Hipertrofia muscular como expressão da masculinidade entre homens transexuais: masculinidades e ética antropológica. Rio Grande do Norte: Trabalho de mestrado UFRN, 2015.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

SOUZA, Érica R.; BRAZ, Camilo. Políticas de saúde para homens trans no Brasil: contribuições antropológicas para um debate necessário. In: VAL, Alexandre Costa et al. (orgs.) Multiplicando os gêneros nas práticas em saúde. Ouro Preto: Editora da UFOP, 2016.